

Os moleques são sinistros! As representações sociais nas letras de *funk* “proibidão” na cidade do Rio de Janeiro.

Autor: Nathália Silva Barbosa¹

O presente trabalho foi realizado como conclusão do curso de Ciências Sociais no ano de 2008 e apresenta as relações retratadas por um estilo musical conhecido como *funk* “proibidão”, produzido dentro das favelas cariocas, que sofrem influência do tráfico de drogas. As letras das músicas exaltam o poder dos traficantes, expressam valores, normas e regras próprias de um grupo e demarcam sua identidade na cidade. A música como expressão cultural se propõe a desvendar as maneiras de agir de um grupo que convive com a violência como forma de sociabilidade e conflito. Este estudo propôs analisar as letras das músicas *funk* “proibidão” e as representações sociais construídas pelos jovens das favelas cariocas, narrando a forma de agir de um grupo que convive com a violência e o tráfico de drogas como forma de sociabilidade e conflito.

Juventude – Representação social – tráfico de drogas – *funk* “proibidão”

As representações sociais são construções coletivas que são utilizadas como instrumento para análise dos aspectos sociais, para compreender a relação dos indivíduos na sociedade e sua lógica na elaboração de significados dos fenômenos na vida cotidiana. As representações na leitura de Minayo ordenam a forma de pensar de um determinado grupo social através de palavras, sentimentos e modos de se colocar no mundo. Segundo Marcel Mauss apud Minayo (1994), “a sociedade se exprime simbolicamente em seus costumes e instituições através da linguagem, da arte, da ciência, da religião”. As representações coletivas se referem às categorias do pensamento de uma dada sociedade e se formam a partir do acúmulo de experiências de diversas gerações que expressam as percepções da realidade a qual se integram. Ou seja, as representações sociais legislam o comportamento dos membros de uma comunidade, que podem sofrer alterações em contato com outras representações e normalizam o agir, o pensar e o sentir dos atores envolvidos. Esse processo entre outros, se dá através da linguagem que é um dos elementos utilizados para delimitar espaços de convivência entre pessoas de diferentes classes sociais, idades e cultura, por meio da linguagem o homem se distingue dos outros animais e dá sentido ao ser e ao seu redor.

¹Bacharel em Ciências Sociais, Mestranda em Antropologia na Universidade Federal Fluminense.
Email: nathsi84@yahoo.com.br

A juventude se firmou como categoria social durante os anos 60, este período representou um marco importante, pois a partir daí, o jovem passou a ser centro de referência para a circulação dos ícones de beleza, estilo, pensamento e símbolos. Estas vanguardas encabeçavam movimentos críticos às tradições e aos avanços industriais que, através do discurso, se firmaram e expressaram seu lugar no mundo, traduziram estilos de vida e pontos de vista. Estas vanguardas encabeçavam movimentos críticos às tradições e aos avanços industriais que, através do discurso, firmaram e expressaram seu lugar no mundo, traduziram estilos de vida e pontos de vista. A juventude utilizou-se das letras de músicas, poemas, artigos, peças teatrais, esportes, artes, moda e vestuário dentre outros para manifestar seus protestos e sua posição de mundo, teve voz através da linguagem se tornou uma arena, que se confrontam valores sociais. A música se tornou um elemento importante na concretização da identidade jovem, de maneira particular, a música é capaz de unir jovens em torno de um mesmo grupo possibilitando a participação e compartilhamento dos mesmos símbolos. As músicas favorecem a elaboração e criação de mitos que contam a história de um grupo, do cotidiano e das relações sociais que são estabelecidas. As músicas *funk*, por exemplo, dizem respeito a uma realidade específica, revelam e provocam reações. Os bailes ou os encontros sociais são momentos especiais construídos por determinados grupos para falar de si mesmos, das suas relações, da forma de entender, de se colocar no mundo e de interpretar a realidade. Para se diferenciar do restante dos participantes do baile, os jovens constroem códigos de conduta e de linguagem, assim o *funk* se torna um elemento socializador deste público. Porém, outros segmentos sociais percebem o *funk* como uma forma de violência que deve ser afastada dos espaços nobres das cidades, ou seja, os grupos admiradores do *funk* recebem o estigma de serem violentos e devem ser exterminados ou colocados em locais onde não trarão maiores problemas à sociedade. De acordo com Gilberto Velho (1996 p. 11), “violência é o uso agressivo da força física de indivíduos ou grupos contra outros”. Para ele, a violência se apresenta além da forma física, na possibilidade ou ameaça de usá-la, a ideia de violência é ampliada para o ato de ameaçar, inibir e amedrontar. Para Michaud, violência é como uma situação de interação, quando um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas, seja em sua integridade física, em sua integridade moral, posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. Nas Ciências Sociais, os estudos sobre a violência tem início nos meados do século XX, especialmente na Escola de Chicago, que, de acordo com Zaluar, nos anos 20, inovou os

estudos urbanos ao apresentar pesquisas envolvendo gangues juvenis de diversas etnias que se localizavam na cidade, dividindo-a em territórios. A partir destes estudos "começou-se a associação entre desorganização social e violência, zona de transição e criminalidade, violência urbana e juventude." (Alba Zaluar, 1997).

Para Simmel o conflito seria uma forma de sociabilidade de grupos, a violência exerce uma função social e é utilizada para lembrar a população sobre os valores e deveres existentes dentro da sociedade na perpetuação da cultura². Segundo Velho, em seu livro *Cidadania e Violência*, o conflito se torna parte da vida social, e atua como pano de fundo das relações travadas na cidade, a violência organiza a sociedade. Através da integração de grupos são elaborados novos valores, aparadas as tensões, criados novos equilíbrios e aperfeiçoadas válvulas de escape. Assim sendo, a vida social, por sua heterogeneidade, possibilita negociação da realidade e gera violência, a vida social seria resultante da construção de um sistema de reciprocidade através das relações de diferença que se consolidam em conflitos de interação e negociação. A violência se expande pela cidade através de uma teia de relações que consegue, através de momentos de sociabilidade, reorganizar o espaço urbano transformando-o em um território estratégico, que articula ordem e caos. Assim a violência física perdeu seu caráter excepcional para tornar-se uma marca cotidiana na dinâmica das cidades. De acordo com Gilberto Velho (2008) foi construída a cultura da violência “é a consolidação de um modo de vida em que a agressão, o roubo e o assassinato passam a fazer parte da rotina da vida de boa parte da população”. A violência se encontra diluída nas cidades, é o elemento estrutural das relações dentro da sociedade, aparece em resposta à ineficiência do Estado, abrindo espaço para que organizações se apropriem do poder. A cidade se tornou o lócus do espetáculo de rivalidade entre diferentes grupos que a compõem.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2003), as taxas de homicídios no Brasil, entre jovens de 15 a 24 anos vem crescendo de forma acelerada nos últimos dez anos. No país os homicídios representam a principal causa de mortalidade juvenil, mas, no estado do Rio de Janeiro, eles são responsáveis por mais da metade das mortes de jovens, em sua grande maioria ligada ao tráfico de drogas. De acordo com a pesquisa realizada pelo NIPIAC (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas) no ano de 2002, os jovens

² De acordo com Geertz (1973), a cultura é uma rede de significados interpretável, que exige sempre a necessidade de negociar interesses.

aparecem como principais atores nesta guerra. Os moradores das comunidades pobres das cidades, em especial, no Rio de Janeiro, afirmam que as drogas, aliadas à violência e o tráfico de drogas são algo avassalador e invasivo em suas vidas.

Cada vez mais crianças e adolescentes entre os 10 a 15 anos são envolvidos no tráfico de drogas, inicialmente passam a fazer pequenas tarefas, depois se envolvem no trabalho em tempo integral. As funções destinadas às crianças e adolescentes na organização são: olheiro/fogueteiro; vapor, gerente de boca, soldado e fiel. O tráfico se torna uma forma de sociabilidade, onde as crianças e adolescentes encontram respostas para a dificuldade de acesso aos bens e serviços além de contribuir para o pertencimento a um grupo específico.

A história do tráfico de drogas no Brasil se inicia no século XX, através do comércio de maconha, mas encontra seu marco nos anos 80 com a venda da cocaína em grande quantidade. A partir daí, o país se tornou um importante ponto na rota do transporte de drogas para os Estados Unidos, Europa e África do Sul. Nos anos 50, a venda de drogas no varejo na cidade do Rio de Janeiro se encontra restrita ao comércio de maconha, trazida do nordeste do país, a droga era consumida em locais marginalizados: nas favelas, prisões e áreas de prostituição. Posteriormente a maconha passou a ser vendida por membros da comunidade a uma clientela local. Os traficantes, nesta época, eram usuários que vislumbraram a oportunidade de negócios lucrativos na comercialização de drogas. Minimamente organizados, estes traficantes usavam armas que ficavam escondidas sob a roupa e eram utilizadas apenas para se defender.

A partir dos anos 80, se deu início à organização sistemática do mercado de droga a varejo no Rio de Janeiro com a criação da facção Comando Vermelho. A organização foi formada na prisão de segurança máxima Cândido Mendes, na Ilha Grande, sob a influência dos presos políticos os demais prisioneiros incorporaram noções de organização de grupos e reciprocidade para obter vantagens no sistema carcerário criando o grupo Falange Vermelha que, mais tarde, se tornaria o Comando Vermelho – CV. Entre 1983 e 1986, quando já se encontravam hierarquicamente organizados, o CV passou a atuar fora das cadeias, se estabeleceram nas favelas para a defesa dos pontos de drogas e arregimentação de novas bocas.

A influência do narcotráfico vem crescendo nas cidades, associada à onda de violência ligada ao crime organizado⁵³, atualmente, o mercado de drogas no Rio de

⁵³ Crime Organizado: De acordo com Alba Zaluar (2004) é o conjunto de atividades em rede que tem um componente de empreendimento econômico, ou seja, implica atividades que se repetem ao longo do tempo (mesmo sem a disciplina, a regularidade e os direitos jurídicos do mundo do trabalho) visando ao

Janeiro é dominado principalmente por três facções que tem base nas favelas e controlam a venda de cocaína e maconha. São elas: o CV – Comando Vermelho, ADA – Amigos dos Amigos e o TC – Terceiro Comando. As duas últimas facções são organizações dissidentes do Comando Vermelho, formadas por fragmentações internas geradas por conflitos de ideologias e disputas de territórios.

O *funk* é um estilo musical que ganhou muitos adeptos nas comunidades pobres da cidade do Rio de Janeiro e muitas delas dominadas pelo tráfico de drogas, o estilo musical tem a sua origem no surgimento do soul, uma união do *rhythm and blues*, considerado uma música profana com o gospel, estilo musical próprio das igrejas protestantes negras americanas, caracterizado pelas mensagens religiosas em ritmos variados. O soul além de ser um ritmo musical próprio do movimento negro americano se tornou o pano de fundo dos movimentos civis. Os adeptos do movimento se caracterizavam por cortes de cabelo e penteados afro, sapatos multicoloridos de solas altas, calça de boca fina e danças tipo James Brown. Com o passar do tempo o estilo ganhou novos contornos e passou a ter um aspecto mais popular, perdendo sua aparência revolucionária dando origem ao *funky*.

No Brasil o surgimento do *funk* se deu nos anos 70, na cidade do Rio de Janeiro; já no ano de 1988, Hermano Vianna observou que, as festas *funk* atraíam em média mil a 10 mil dançarinos nos bailes realizados nos subúrbios do Rio de Janeiro durante os fins de semana. De acordo com o autor, o baile *funk* é uma atividade própria do subúrbio, onde são tocadas músicas desconhecidas para o público acostumado à programação local, pois são apresentadas músicas que não estão disponíveis em rádios e lojas de discos no Brasil. Em geral eram importadas dos EUA. Assim, apesar de ser um fenômeno das massas, o *funk* não estava em consonância com a indústria cultural brasileira. Como afirma Vianna: o *funk* norte-americano é a maior diversão de centenas de milhares de jovens das camadas populares que moram no Rio de Janeiro. Vianna (1988, p.109) A partir de seu estabelecimento no país, o estilo começou a se adaptar de acordo com a língua e os símbolos criados pelos freqüentadores dos bailes *funk*. O modelo americano deu lugar às especificidades brasileiras, criando o estilo que ficou inicialmente conhecido como *funk* carioca. As primeiras gravações realizadas no Brasil

lucro... e utilizando moedas variáveis nas trocas baseadas em características comuns às relações secretas ou subterrâneas, bem como valendo-se do escambo.

O crime organizado não tem organização burocrática, mas um eficaz sistema de punição mortal dos faltosos e desafiadores, assim como uma rede de conexões pessoais, além de um sistema de distribuição dos serviços e mercadorias que são objeto de suas práticas ilícitas e ilegais.

aconteceram em 1976, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, quando as gravadoras descobriram um mercado virgem, composto por centenas de milhares de consumidores ávidos por *funk*.

A partir da metade da década de 90, o *funk* carioca ganhou a mídia por suas músicas e letras que incitavam a sexualidade, apresentavam também temas jocosos, sátiras e temas românticos com bases dançantes. O estilo que se expande na sociedade é caracterizado pelo apelo a sexualização do corpo, anteriormente representado pelo axé music. O *funk* passa a ser mais um elemento da cultura de massa, mais ou menos moldado, que começa a ganhar contornos da indústria cultural, a partir da influência dos meios de comunicação, convencionais ou não. Deixando de lado a máscara de exotismo e passando por um processo civilizador o *funk* desce ao asfalto, mas apesar da aceitação da música, no ano de 1992 um fato trouxe como consequência a construção de uma imagem estereotipada do *funk*, tomando ares de criminalização. No dia 18 de outubro do ano de 1992, na cidade do Rio de Janeiro, a população foi surpreendida por tumultos envolvendo grupos de jovens nas praias da zona sul. De acordo com Herschmann, o incidente foi noticiado, como uma ameaça a ordem urbana e este episódio foi amplamente divulgado em todo o país. Segundo Vianna, (1996, p.182) o arrastão fora o "operador lógico" que familiarizou o *funk*, mas, não trouxe consigo sua domesticação. O *funk* foi visto como um movimento "selvagem", a sociedade passou a conhecer o *funk*, como uma estranha forma de manifestação. Os jovens participantes desse episódio foram automaticamente vinculados às galeras dos bailes *funk* e se tornaram alvos da polícia. As imagens foram veiculadas pela mídia e as manifestações da sociedade se iniciaram. Neste momento o *funk* se tornou um movimento marginal, os embates restritos a pista de dança entre galeras rivais, ganhou a rua, o morro desceu até o asfalto e a população da cidade reconheceu a força dos grupos.

O arrastão popularizou o *funk* e, de acordo com a opinião pública, se tornou um mal a ser retirado da sociedade. Segundo Vianna (1996) houve alguns fatores que contribuíram para o distanciamento do *funk* da legalidade: o movimento *funk* era associado à desordem, sinônimo de brigas, atos de vandalismo e mortes, além de ser acusado de apologia ao narcotráfico e alicição de jovens para o tráfico. No ano de 1995, se iniciou a segunda campanha de criminalização do *funk* na mídia, o Estado criou operações chamadas Rio I e II com o objetivo de interditar definitivamente os bailes. O elemento que detonou a criminalização do *funk* foram evidências que o vinculava com o crime organizado, pois as associações de bairro não conseguiam provar quem eram os

responsáveis pelo pagamento das equipes de som dos bailes. E posteriormente houve a divulgação na mídia de músicas conhecidas como gangsta raps, estilo surgido nos anos 90, nos guetos nova-iorquinos, caracteriza-se por letras politicamente ilícitas, falam de drogas, exaltam de bandidos e ataca as autoridades e seus cantores, são componentes ou ex-representantes de gangues. No caso mexicano existe o narcorrido um sub-estilo derivado dos corridos (expressão musical popular mexicana que narram façanhas de heróis da independência daquele país). O narcorrido é um sub-estilo musical incorporado pelos traficantes de drogas a fim de exaltar os feitos de cada gangue. De acordo com Guedes (2007), o conteúdo das músicas de *funk* “proibidão” é bem parecido com os exemplos americano e mexicano, ambos estilos são instrumentos de propaganda das facções do tráfico de drogas.

Inicialmente conhecido como *raps* de contexto o conteúdo das músicas retrata o cotidiano do morador de favela, inclusive sua relação com o tráfico de drogas, armas e violência e de acordo com a polícia faz apologia do crime e denigre a imagem do Estado. De acordo com Herschmann, os raps de contexto, são “versões piratas de raps de grande sucesso, homenageando membros de organizações criminosas locais” (2000, p.169). Este estilo também ficou conhecido como “rap das armas”, homônimo de uma letra de *funk* que foi descoberta pela polícia no ano de 1995. O Rap das Armas foi tocado, nas favelas e ganhou versões em várias comunidades.

Atualmente este estilo musical é conhecido como *funk* “proibidão”, de acordo com Russano, a denominação “proibidão” pode ser entendida de duas formas: “primeiro, ele conota poder, força – trata-se de algo muito proibido, ligado ao banditismo; e segundo, confere certa “leveza” humorística à repercussão e ao escândalo que a venda de um CD feito com baixíssima qualidade técnica, de forma caseira, ganhou na mídia” (2006, p.11). As músicas do “proibidão” têm a mesma linha do Rap das Armas, mas o proibido é mais violento, expõe virilidade, confrontos e associações, tem o conteúdo alinhado com o tráfico de drogas, mas ao mesmo tempo as letras combinam poder com suavidade e ironia.

O *funk* “proibidão” é um estilo musical que expressa o cotidiano específico das comunidades pobres do Rio de Janeiro, e principalmente daqueles atores que participam da dinâmica do tráfico de drogas e de suas implicações, a violência, o crime, os conflitos com a polícia e com grupos rivais que brigam pelo mesmo tipo de negócio. As letras tratam de tensões internas presentes na sociedade, são criados duelos entre o bem e o mal, entre o “parceiro” e o “alemão”, por isso a guerra é um tema constante. O *funk* “proibidão” diz respeito a um grupo bem definido, as músicas retratam laços de lealdade e mostram a relação de proteção entre os parceiros. Principalmente para os jovens, participar de grupos organizados, pertencer a determinadas galeras e ou facções, ser protegidos e estabelecer vínculos sociais é importante, pois assim, se mostram para outras galeras e/ou pessoas da cidade, através da sua “quebrada”, e do seu “bonde”.

Por meio de vulgos seus participantes se mostram e se vangloriam dos atos criminosos e exaltam um estilo de viver. Nas músicas os participantes são respeitados por seus colegas e temidos por seus inimigos. Muitos desses jovens têm o desejo de se tornar os donos da “boca” por possuir status, luxo, dinheiro, mulheres, roupas de marcas famosas e automóveis. As letras traduzem esses pensamentos e mostram até onde os jovens estão dispostos a ir para conseguir se destacar na esfera social.

Esse estilo proporciona a possibilidade de visibilidade àqueles que, até então, eram invisíveis, mas através da música, mesmo que proibida, são legitimados inicialmente nas periferias e devido à modernização dos meios de comunicação, acabam sendo reconhecidos em diversas localidades. As letras detalham com precisão os nomes dos donos da boca e do restante do grupo, nas músicas, estes jovens demonstram que querem ser vistos a qualquer preço, considerados e respeitados dentro e fora de sua comunidade, se apropriam das chamadas dos telejornais da cidade, destacam seus feitos “heroicos”, como a morte de outros traficantes, ataques à polícia e roubos à propriedade privada. As letras anunciam o armamento disponível no grupo, as ações que estes já promoveram na cidade como roubos de carros, invasões a comunidades rivais ou acertos de contas.

Existem *funks* que são verdadeiros códigos de postura dos grupos, neles são expressos episódios de traição e como se deveria agir para não ser enganado, além de mostrar as consequências de tais atos. Nas facções são criadas leis próprias que normatizam a forma de agir de seus integrantes, apesar de serem grupos que se opõem às regras tradicionais da sociedade, em seus grupos, os atores delimitam o poder de cada participante, assim como suas funções e seu modo de agir.

O *funk* “proibidão” é um produto das comunidades, as músicas são feitas nas favelas, a divulgação e os shows são muitas vezes financiados por atores locais que dispõem de recursos financeiros que, muitas vezes são ligados ao comércio ilegal de drogas. As letras de *funk* “proibidão” além do cotidiano explicitam a relação com outros segmentos com a lei e com outras normas sociais. A comercialização dos CD’s é considerada ilegal por fazer apologia e é crime previsto no Código Penal, relacionado aos crimes de apologia e formação de quadrilha, mas ainda que proibido, os discos desse estilo de *funk* são vendidos juntamente com os demais. O “proibidão” prima pela informalidade, a produção dos discos é feita em menor escala em estúdios clandestinos, provavelmente dentro das comunidades por conta do advento da internet e dos programas de gravação por isso, pessoas de diversas partes do país podem adquirir as músicas de *funk* “proibidão” feitas dentro das comunidades cariocas e assim criar uma rede de distribuição desses materiais.

Em suma, os jovens constroem códigos de conduta e de linguagem para se diferenciar dos demais, a participação em grupos de dança, torcidas, música, esportes, entre outros se tornam locais privilegiados para a formação e fortalecimento da sociabilidade deste público. A música, de maneira particular, é capaz de unir os jovens propiciando a participação e compartilhamento dos mesmos símbolos, favorece a criação de mitos que contam a história de um grupo, de seu cotidiano e das relações sociais travadas dentro e entre eles.

Portanto, as letras de *funk* “proibidão” apresentam um estilo diferente ao desvendar o outro lado da sociedade. As letras simbolizam um personagem conhecido nas comunidades como “vida loka”, que é uma figura única que simboliza poder, reconhecimento e respeito naqueles locais, seja por seu carisma, virilidade e/ou força. As letras de *funk* “proibidão” trazem personagens desviantes, desvenda relações de beleza e horror, pertencimento e medo e apresenta um ambiente com leis próprias. Além das músicas discutirem o cotidiano das favelas, de acordo com a visão de seus moradores e do tráfico, parece ter como objetivo mostrar à sociedade o poder que o crime organizado alcançou e até onde querem chegar. As letras de *funk* “proibidão” apresentam outra versão sobre a relação entre polícia/traficantes, polícia/moradores das comunidades, traficantes/traficantes e traficantes/milícias.

Concluimos que o *funk* “proibidão” funciona como uma espécie de propaganda, uma forma de marketing utilizado pelo traficante que domina um determinado território. As letras contam feitos extraordinários das facções criminosas e de seus integrantes, destacando as autoridades financiadoras. Nas letras, os cantores manifestam as preferências, posicionamentos diante do mundo, mostram à sociedade o que certos grupos constituintes de zonas periféricas pensam e como agem em diversas situações e declaram a forma como os jovens pretendem ser vistos. Assim, os jovens se organizam em bandos ou galeras como forma de se localizar nos espaços da cidade. Por meio de vulgos eles se apresentam e se vangloriam de atos criminosos encarnam personagens e exaltam um estilo de viver.

LETRAS DE *FUNK* “PROIBIDÃO”

01- TOQUE NO RADINHO - MC FRANK

FP me deu um papo, deu um toque no radinho,

Pedi uma XT e uma Doblozinho

O bonde foi na pista nem quero falar mais nada

Me dá logo o segredo senão te joga na mala

Os irmão tá ligado você vai ficar fudido,

Se tiver com criança tu vai passar batido

Já peguei sua chave seu segredo e documento

Seu carro tá na Chatuba dentro do estacionamento

Se tu não tá ligado eu vou logo te explicar

Eu não tirei a roda eu não tirei o ar

Sabe por quê?

É encomenda, encomenda, não podemos arranhar

Encomenda, encomenda, passa seu carro pra cá

É encomenda, encomenda, não podemos arranhar

Encomenda, encomenda, passa sua
moto pra cá
FP me deu um papo, deu um toque no
radinho,
Que quer uma Ornette e uma
Doblozinho
O bonde foi na pista tudo boladão
Foi com vários bico e um carro sangue
bom
O bonde tá revoltado eu não quero briga
Essa vai pro Janssen, FP e pro Naiba
Oi mano Puca, mano MK
O bonde tá perverso pronto pra te
derrubar
Se liga no papo reto tu vai passar mal
O bonde tá partindo pro banco central
Manda o dinheiro todo preste atenção
Oi esse é o novo *funk*, eu mando no
Chatubão
Se tu não se ligou, ou se tu ainda não
viu
Fecharam a Marechal Rondon e
fecharam a Brasil
Os moleque bolaram olha que tu não se
mete
Trouxeram uma Pajero um Corola uma
Ornette

O bagulho é doidão vê se experimenta
O bonde vai na pista mas só pega de
encomenda
É encomenda, encomenda
Aí
O bonde já deu o papo tu vai ficar
fudido
Se tiver com criança tu vai passar batido
O bagulho é doidão e os moleque são
bolado
E quando vão na pista só pegam
encomendado
É encomenda, encomenda
É encomenda, encomenda
Aí vem assim ó
A pedido do FB pra toda a rapaziada
Chegando no Chatubão atividade
dobrada
A pedido dos irmão prá toda a rapaziada
Chegando aqui no Complexo, atividade
dobrada
De dia até de tarde de noite de
madrugada
Chegou aqui no complexo, atividade
dobrada,
Atividade dobrada aí, segura.

02- É A PONTO 30 DO MORRÓ DA CHATUBA

É a ponto 30 aqui do morro da Chatuba
Não se brinca,
Estamos fritos
É a ponto 30 aqui do morro da Chatuba

Não se brinca, não se brinca
É a ponto 30 aqui do morro da Chatuba
Que fuzil é esse q quando acerta
derruba

É a ponto 30 aqui do morro da Chatuba
Que fuzil é esse que quando acerta
derruba

É a ponto 30 aqui do morro da Chatuba
Lá vai fogo policial
Estamos fritos

03- BONDE DO CHATUBÃO TREÍS CÚ FUDÍDO

Oiê é o bonde do Chatubão ou
Mas é o bonde do Chatubão ou
Nós que tá só tem bandido
RL PCC três cú vai ficar fudido Rio vai
virar TC
RL PCC três cú vai ficar fudido Rio vai
virar TC
É tudo nosso, é tudo nosso no Rio nós
tira onda
Aonde nós não tomô de assalto nós
toma
É tudo nosso, é tudo nosso no Rio nós
tira onda
Aonde não tomô de assalto nós toma

Aqui só tem fiel só maluco com
dinheiro
Eu vou te perguntar tu responde se é
vermelho
Na Chatuba?
No Cruzeiro?
90% é nós mete bala nos Terceiro
Fazendinha?
Lá na Grota?
90% é nós 10% dos Terceiro
Jacaré?
Mangueirinha?
90% é nós 10% dos Terceiro
É tudo nosso, é tudo nosso no Rio nós
tira onda

04- BRINDADO CORRÉ

O bonde foi acionado, os verme vem
pelo canto
Toma bala de AK
Lutamos pela favela lá na vila Cruzeiro
é o Complexo do Alemão
Os maluco já não agüenta essa situação
Foi por causa do Tim Lopes que morreu
vários irmão

Muita tranquilidade pra família CV
Tá ligado que é nós no Chatubão dos
LL
Embala, embala é nós no fogo porque
Na Chatuba
É nós que tá
É nós, é nós que tá

05- CAVERÃO SANDALÍNHA DE MULLER

Caverão voltou de ré

Melissa que eu conheço é sandalhinha de
mulher

Vai

No p.u. é vários bicos

Caverão voltou de ré

Melissa que eu conheço é sandalhinha,
vai

Vai, vai, vai

Sandalinha de mulher

Vai, vai, vai

Vai, vai, vai

Vai, vai, vai

Sandalinha de mulher

Vai, vai, vai

Vai, vai, vai

No p.u. é vários bicos, no p.u. é vários
bicos

Caverão voltou de ré, caverão

Caverão, caverão voltou de ré

Melissa que eu conheço é sandalhinha de
mulher

Melissa que eu conheço é sandalhinha

Melissa que eu conheço é sandalhinha de
mulher

Melissa que eu conheço é sandalhinha,
vai

06- TRÊS CÚ VIROU NOTICIA DE JORNAL

Bonde pesadão é nós do Sal

Tá ligado

Derruba caveira ao blazer, tanque

Três cú

Três cú virou notícia de jornal

Sabe onde, Japão

Todo picotado no Container

Nós temos g3 e não é terror

Vê se tu se liga nessa idéia

Vamo acabar com os alemão sabe com
o quê?

Só tiro no cú, tiro na testa,

Três cú, bota a cara experimenta

Que a bala aqui não é bola de gude

Se pensa, pensa, pensa...

Temos g3, h-meiota e pistolude

Mas nosso bonde tá bolado

Tá ligado sem neurose

F.A. taca fogo no safado do X9

E se liga dou lhe um papo

No Salgueiro é tu que sabe

Bota ak bota g3, bota fap

E se liga dou lhe um papo

De ak nós que explode

Nosso bonde é preparado temos granada
m9

Sem neurose dou lhe um papo

Já tô crazy esse é o meu lema

Granada ponto 30 na mão do guerreiro
problema

Se liga dou lhe um papo

Boladão é arsenão

Thunder cat preparado ta ligado de pura
fao

Vou mandar um papo reto eu não vim
falar besteira

Mando bala preparado no Cantagalo
não é de brincadeira

07- CHUMBO QUENTE CHATUBA

atenção

sai da frente, porque é nois não é a gente

na Chatuba o chumbo é quente eles tem toda razão

vai

na fique aí senão só toma de meiota

esse é o bonde da Chatuba, esse é o

bonde da Grota

ADA perdeu o pai, os três cú perdeu o irmão

Porque aqui é nós a vera é os 40 ladrão

Nosso bonde é chapa quente

Só bandido prepotente se salve quem puder

que na Chatuba o chumbo é quente

Vai

Vamos, saiam todos da minha frente

saiam da minha frente, já disse

08- TAVA TRAMADO (MENOR DO CHAPA)

Tava tramado só eu que não sabia

Geral ligado naquela ajudaria

e aquele que eu pensava que me

considerava

foi o primeiro a me botar na mancada

Mas nessa vida você vale o que tem

então aprenda a não confiar em

ninguém

mas o do bonde que achou um absurdo

e acabou me deixando a par de tudo

eu seria cobrado numa atitude covarde

visto como vacilão perante a

comunidade

Maior brisão puxei logo o fundamento

mandei um toque pros irmão do

sofrimento

Eu tô boladão, na minha razão

pra adiantar não tem ninguém,

pra te atrasar tem um montão.

09- ROCINHA VAI VERMELHAR

A Rocinha vai vermelhar, porra!

É nós

Ou, fale quem quiser falar

Rocinha vai vermelhar

Fale quem quiser falar

Ou, fale quem quiser falar BIS

Vidigal vai vermelhar
Fale quem quiser falar
Mata os ADA terceiro e os cú azul
Quem não for vermelho
Mata os ADA terceiro e os cú azul
Quem não for vermelho
É tipo talibã, tipo, tipo talibã
É bala na Rocinha, é bala na Getam
E eu falo
É tipo talibã, tipo, tipo talibã
É o bonde mandando bala
Às quatro da manhã
Foi às quatro da manhã que o bonde se
aprontou
Entrou no morro da Rocinha e a guerra
começou
E aqui tem quatro homem bomba na
entrada do morrão
E o azul disposição de G3 2000 na mão
No estilo talibã o céu fica iluminado

10- A HISTÓRIA DO COMANDO VERMELHO

E tudo começou assim ó
É a história do comando vermelhão
Nasceu de uma falange que também era
vermelho sangue bom
E hoje em dia pro comando é um prazer
Juntar os nossos bicos com os irmãos do
PCC
É isso aí brou
Falar da falange vermelha
E não lembrar do Lúcio Flávio,
Carlinho gordo e seu Jorge do Vidigal

Os traçante vermelho
São do ar cromado
Os campo ficou minado e os verme
pegou o morrão
Foi tiro prá caralho
E na contenção
E o Pavarotti cantou
Os verme pediu reforço
Lá no pavãozinho
É só dedo nervoso
Tipo, tipo talibã
É bala na Rocinha
É bala na getam
E eu falo tipo talibã
Tipo, tipo talibã
É bala na Rocinha
Segura essa parada sem neurose

O mais difícil é falar do comando
vermelho e não lembrar suas raízes tipo
assim ó
Rogério Lembruger o RL, Dennis
Leandro da Silva, o Denner da Rocinha
e o eterno Orlando Jogador
Em memória de todos irmãos que se
foram tipo assim ó
Bomba nos três cú
A parada é essa, ta ligado
Guerreiro não morre, guerreiro voltou
Rl com o Denner e orlando jogador
Guerreiro não morre, guerreiro voltou

Rl com o Denner e orlando jogador
Prá os guerreiro do comando vermelhão
Não morre, eternamente vive em nossos
corações
No sonho eu vi Carlinho gordo de g3
Lúcio Flávio, e o Vado junto com o
Japonês
O Gato e o Geléia tava os dois na favela
do Vidigal
Eu vi o bonde do mamão subindo serra
coral
Na Rocinha o bonde tava pesadão
O Dennis com o Magu a gordinha e o
lobão
Vem Cavalo com o Nino, Rg lá na
mineira
E o Paulinho no complexo do alemão
O fabinho lá 5 tio celso lá no pá

11- BEIRA MAR CANTA DE GALO MAS NÃO PASSA DE GALINHA

Ta ligado Beira-mar
Essa aqui vai pra você seu cuzão
Anda de calcinha vermelha to ligado aí
no Bangu 1
Batom calcinha e brinco de argola meu
irmão
Tem caô não, mané
Os capeta tão aí
Os bico trabalha pra você, se liga
Que é a gente só não pode ser você seu
merda
Beira-mar canta de galo, mas não passa
de galinha
Usa calcinha no cú e foi ladrão de
lojinha

E o mano Paulinho lá na blazer com os
irmão
O soldado nunca morre quando é do
vermelhão
Ele vive eternamente dentro dos nossos
corações
vai
Guerreiro não morre, guerreiro voltou
RL com o Dennis e orlando jogador
Guerreiro não morre, guerreiro voltou
RL com o dennis e orlando jogador
Prá os guerreiro do comando vermelhão
Não morre, eternamente vive em nossos
corações
No sonho eu vi Carlinho gordo de g3
Lúcio Flávio, e o Vado junto com o
japonês

Beira-mar canta de galo, mas não passa
de galinha
Usa calcinha no cú e foi ladrão de
lojinha
Mas foi num dia de sol na quadra do
Bangu 1
Viu o tal do fernandinho com a calcinha
no cú
De tamanco salto alto, saia de laço e
batom
Encostado na parede, beijando um
gavião
Eu to mandando um papo se liga aí seus
cuzão

O bonde do Celso Russo fortemente
pesadão

Ajudaria é mole mataram os nossos
irmãos

O carcereiro safado fechou com os
alemão

Se liga aí seus comédia a volta ta vindo
aí

Vamo matar o beira-cú tacar fogo no
VP

Beira-mar canta de galo, mas não passa
de galinha

Usa calcinha no cú e foi ladrão de
lojinha

Beira-mar canta de galo, mas não passa
de galinha

Usa calcinha no cú e foi ladrão de
lojinha

12- TCP FIKA COM MEDO BONDE DO BAMBÁ

Bambá ta ligado eu vou mandar só essa
que você pediu

Que eu vou embora agora

Ai shakal o nosso bonde mane

Ai mano, ai mano

O para dedo ta pesado e com a gente ele
não banca

Levanta a mão pro alto só quem fecha
com o bambá

Levanta a mão pro alto, Levanta a mão
pro alto

TCP fica com medo, TCP fica com
medo

O bambá ta pesadão

TCP fica com medo,

Aí bambá puxa o trenzinho pra gente dá
uma marolada

Ta ligado, manda

Levanta a mão pro alto

TCP fica com medo, TCP fica com
medo

O bambá ta pesadão

TCP fica com medo,

Aí bambá puxa o trenzinho pra gente dá
uma marolada

Ta ligado, manda

Aí Red Bull, mano, Red Bull, ice

Aí melô

Não tem mais nada

Mas eu boto pra divulgar

Se ligue

As para dedo o ta pesado e com a gente
eles não banca

Levanta a mão pro alto

Só quem fecha com o

Levanta a mão pro alto, Levanta a mão
pro alto

Para dedo ta pesado e com a gente eles
não banca

Levanta a mão pro alto

Só quem fecha com o Bambá

13- CAMINHÃO DA LIGHT NÃO ENTRA NA ROCINHA

Caminhão da Light não entra na Rocinha

Bonde do Tigru joga granada argentina

Eu sou MC da Mag já preparei o ataque

E a ar 15 quando pinta e a Mag

E se o bonde é pesadão destruiu sem lei

De bazuca descartável estorou três

O bonde é do tesouro e os frango passa mal

Temos m4, zig zauer, Para-fao

Se chega na boca e o vapor não identificar

Se tiver mandado vai conhecer meu ak

A Rocinha é o qg que causa adrenalina

Dá tiro no blindado da bomba no gol bolinha

Não tem a civil e o meu cú não dá p2

Porque aqui na roça é vários 762

Mano Joça é tão falado que a pedreira se arrepiá

Não tem força nacional

Trocamos tiro com a milícia

O nem fecha juntinho e geral ta ligado

P usa até um levanta blindado

Cada dia é uma luta cada dia é uma batalha

Vamos esquartejar o gordão e cortar os 1:18

Que saudade do bem te vi

O nosso irmão ta no céu

Vai tomar no cú Isaias do Borel

Sem neurose eu vou falar ADA bota pra fuder

Queima o sapinho mata o Marcinho VP

Se for papo de missão a gente sempre brota

Vai virar mulherzinha o vacilão do Tota

Tem que viver escondido senão nós vamos te caçar

Só vive de fama o cuzão do Beira-Mar

Um alô para o macaco eu não gosto de cú vermelho

Um abraço pro são Carlos pro meu mano coelho

Sou cria da boa vista ADA a vida inteira

Um alô pro lagartixa pro morro da pedreira

Sem neurose eu vou falar

Urubu fecha também

Um alô pros amigo da Vintém

Eu termino por aqui com muita disposição

Levanta a mão faz o l quem gostou da divulgação

14- WAGNER MONTES

Eu vou divulgar essa nova aqui neurótica, mano.

Pode soltar DJ

Wagner montes comedião ficou bolado

Seu amiguinho da PM esquartejado

Mas se brotar PM a bala come

Vou dar um rajadão na cara do Wagner
Montes

Mas se brotar PM a bala come

Vou dar um rajadão na cara do Wagner
Montes

E no aliança é só bandido revoltado

A gente executamos o policial Ramalho

Cidade alerta toma bala de fuzil

Troca tiro com a CORE caveirão e a
civil

O Adelaide tu fica no sapatinho

Amigo de polícia é o verme do celsinho

Os cú vermelho eu vou logo deixar
ciente

Senão bancar a guerra vão ter que se
render pra gente

E o Aliança, Camará e a Koréia

Coqueiro e o Rebu

Só traficante de guerra

Wagner montes tu não me leve a mal

Quero ver tu escrachar a cara na para
FAO

Wagner montes tu não me leve a mal

Quero ver tu escrachar a cara na para
FAO

15- CHEIRO DE UÊ QUEIMADO

Na moral, respira fundo, vê se não ta
sentindo um cheiro assim

Um cheirinho de UÊ queimado

Cheiro de UÊ queimado, Café foi
espancado e o Robertinho era um viado

O celsinho é um medroso, tomou coça
na cadeia o beira mar dedo nervoso

Eu vou quem for dispo que venha

E se bater de frente com nós é lenha

Eu vou quem for dispo que venha

E se bater de frente com nós é lenha

Pode crê

Cheiro de UÊ queimado, Café foi
espancado e o Robertinho era um viado

O Celsinho é um medroso, tomou coça
na cadeia o beira mar dedo nervoso

Eu vou quem for dispo que venha

E se bater de frente com nós é lenha

Eu vou quem for dispo que venha

E se bater de frente com nós é lenha

Eu sou comando vermelho e não deixa
assim

Assim que o CV comandou o motim

Eu vou lhe dar um papo se liga sangue
bom

No Bangu 01 comanda o vermelhão

Cheiro de UÊ queimado, Café foi
espancado e o Robertinho era um viado

O Celsinho é um medroso, tomou coça
na cadeia o beira mar dedo nervoso

Virou até o bumbum pro Marcinho
bater

Sem neurose, sem neurose

16- CAVEIRÃO

Caveirão brotou no morro querendo
aterrorizar

Manda o caveirão embora que a galera
quer dançar

Se o caveirão não for o bicho vai pegar

Se mexer com outro carinha vai tomar
só de ak

Tô de olho no caveirão, tô de olho no
caveirão

Mexeu com o comando, o comando se
embola, o que que ele faz

Mexeu com o comando, o comando se
embola, o que que ele faz

Caveirão brotou no morro querendo
aterrorizar

Manda o caveirão embora que a galera
quer dançar

Se o caveirão não for o bicho vai pegar

Se mexer com outro carinha vai tomar
só de ak

Se mexer com outro carinha vai tomar
só de ak

Tô de olho no caveirão, tô de olho no
caveirão

Manda bala!

Se mexer com outro carinha vai tomar
só de ak

Tô de olho no caveirão, tô de olho no
caveirão

BIBLIOGRAFIA:

BARCELOS, Caco. Abusado. Record, 2003. São Paulo: Hucitec, 1997.

CASTRO, Lucia Rabello de, **CORREA**, Jane. Mostrando a real:
um retrato da juventude pobre no Rio de Janeiro. NAU Editora; FAPERJ,
2005.

COSTA, S. R. S. . Uma experiência com autoridades: pequena etnografia
de contato com o hip hop e a polícia num morro carioca. In: Gilberto
Velho; Karina Kuschnir. (Org.). Pesquisas Urbanas - desafios do trabalho
antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DAYRELL, Juarez. A música entra em cena: o rap e o *funk* na
socialização da juventude em Belo Horizonte. São Paulo; Tese
(Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de
São Paulo.

DIOGENES, Glória. Cartografias da cultura e da violência: gangues,
galeras e o movimento hip-hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza:
Secretaria da Cultura e Desporto, 1988.

DOWDNEY, Luke. Relatório: Crianças Combatentes em Violência Armada Organizada: um estudo de crianças e adolescentes envolvidos nas disputas territoriais das facções de drogas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ISER / VIVA RIO, 2002.

GOLDEMBERG, Miriam. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOLDENBERG, Sérgio. *FUNK* Rio. Rio de Janeiro: Canal Imaginário, 1994.

GUARESCHI, Pedrinho A. et al. Textos em representações sociais. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GUEDES, Maurício da Silva. A música que toca é nós que manda: um estudo do proibidão. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2007.

HERSCHMANN, Micael M. O *funk* e o hip-hop invadem a cena. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

MAFESOLLI, Michel. Dinâmica da violência. São Paulo: Vértice, 1994.

MATTA, Roberto da. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1981.

Violência brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1982. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MICHAELIS Novo Dicionário. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

MICHAUD, Yves. A violência. São Paulo: Brasiliense, 1982. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MONTES, Wagner.

Disponível em: <<http://www.wagnermontes.com.br/>>. Acesso em 09 out.2008.

OLIVEN, Ruben Georg. A violência e cultura no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1986.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. De olho nos traficantes, malandros e celebridades: um estudo de mídia e violência urbana. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 05 out. 2008.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder et al. Linguagens da Violência. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RODRIGUES, Fernanda dos Santos. O *funk* enquanto narrativa: uma crônica do cotidiano. 2005. Dissertação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social, UFF.

RUSSANO, Rodrigo. “Bota o fuzil pra cantar!” O *Funk* Proibido no Rio de Janeiro, 2006. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Música, UNIRIO.

SENTO-SÉ, João Trajano. O discurso público sobre a violência e juventude no Rio de Janeiro. Dissertação do Programa de Pós-graduação de Serviço Social, Niterói, 2005.

SILVA, Jailson de Souza. Pesquisa: “Caminhada de crianças, adolescentes e jovens na rede do tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro, 2004 – 2006”. Rio de Janeiro, 2006.

VELHO, Gilberto; **ALVITO**, Marcos. Cidadania e violência. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

VELHO, Gilberto. Medo, insegurança e violência. Disponível em: http://aprender.unb.br/file.php/1061/Gilberto_Velho.doc

Acesso em 09 out. 2008.

VIANNA, Hermano. O *funk* como símbolo da violência carioca. In: Cidadania e Violência. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996.

Galeras Cariocas. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

O mundo *funk* carioca. Jorge Zahar, 1988.

ZALUAR, Alba. Condomínio do Diabo. Rio de Janeiro: Revan; UFRJ, 1994.

A máquina e a revolta. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: FGV, 2004.